

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

Quando a adaptação deixa de ser estratégia: uma hipótese sobre a internalização de processos cognitivos em interações prolongadas com inteligência artificial conversacional

Ana Carolina Vavallo

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.16997>

Submetido em: 2026-07-20

Postado em: 2026-09-28 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

Quando a adaptação deixa de ser estratégia: uma hipótese sobre a internalização de processos cognitivos em interações prolongadas com inteligência artificial conversacional

Ana Carolina Vavallo

Pesquisadora Independente — Uberlândia/Brasília, Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-0105-5468>

Resumo

Este artigo propõe uma reflexão teórica sobre a possibilidade de que interações prolongadas com sistemas de inteligência artificial conversacional promovam, no usuário, um processo gradual de adaptação cognitiva e comunicacional. Enquanto a literatura disponível documenta amplamente a adaptação do sistema ao usuário, a hipótese aqui defendida desloca o foco para a direção inversa, propondo um modelo de reorganização estruturado em três camadas progressivas: um filtro epistêmico, responsável pela pré-qualificação defensiva dos próprios juízos subjetivos do usuário; um filtro estético-expressivo, que condiciona a produção simbólica e figurativa a uma etapa prévia de validação crítica; e uma possível generalização extra-contextual, na qual esse padrão de autorregulação se estende ao processamento cognitivo do sujeito para além do contexto de interação com sistemas de inteligência artificial. Ancorada na Teoria da Acomodação Comunicativa (Giles, 1973) e na tese da cognição estendida (Clark; Chalmers, 1998), e articulada com produção emergente sobre adaptação bidirecional humano-IA, a proposição não apresenta resultados empíricos, mas oferece um vocabulário conceitual inicial para um fenômeno ainda disperso na literatura, indicando direções para investigação empírica futura por meio de análise longitudinal de produção linguística e de desenhos experimentais comparativos.

Palavras-chave: Inteligência artificial conversacional; Adaptação cognitiva; Cognição estendida; Acomodação comunicativa; Interação humano-IA.

When adaptation stops being a strategy: a hypothesis on the internalization of cognitive processes in prolonged interactions with conversational artificial intelligence

Abstract

This article proposes a theoretical reflection on the possibility that prolonged interactions with conversational artificial intelligence systems promote, in the user, a gradual process

of cognitive and communicational adaptation. While the available literature extensively documents the adaptation of the system to the user, the hypothesis defended here shifts the focus toward the reverse direction, proposing a reorganization model structured in three progressive layers: an epistemic filter, responsible for the defensive pre-qualification of the user's own subjective judgments; an aesthetic-expressive filter, which conditions symbolic and figurative production to a prior stage of critical validation; and a possible extra-contextual generalization, in which this self-regulation pattern extends to the subject's cognitive processing beyond the context of interaction with artificial intelligence systems. Grounded in Communication Accommodation Theory (Giles, 1973) and the extended mind thesis (Clark; Chalmers, 1998), and in dialogue with emerging research on bidirectional human-AI adaptation, the proposition does not present empirical results, but offers an initial conceptual vocabulary for a phenomenon still dispersed in the literature, indicating directions for future empirical investigation through longitudinal analysis of linguistic production and comparative experimental designs.

Keywords: Conversational artificial intelligence; Cognitive adaptation; Extended cognition; Communication accommodation; Human-AI interaction.

Introdução

Nas últimas décadas, a inteligência artificial deixou de ocupar um espaço predominantemente técnico para integrar atividades cotidianas relacionadas ao estudo, ao trabalho, à comunicação e à produção de conhecimento. O desenvolvimento dos modelos de linguagem ampliou significativamente essa presença, permitindo que milhões de pessoas estabelecessem interações frequentes com sistemas capazes de responder perguntas, auxiliar na escrita, organizar informações e colaborar em processos de resolução de problemas.

Esse cenário favoreceu o crescimento de pesquisas voltadas à interação entre seres humanos e sistemas de inteligência artificial. Entre os temas mais recorrentes encontram-se a personalização das respostas, o aprendizado dos modelos a partir das interações humanas, seus impactos na educação, na produtividade e na tomada de decisão. Em grande parte dessas discussões, a inteligência artificial é compreendida como uma tecnologia capaz de adaptar suas respostas às características, preferências e necessidades dos usuários.

Entretanto, a crescente frequência e continuidade dessas interações suscita uma questão que parece receber menor atenção: seria possível que esse processo de adaptação não ocorra apenas do sistema para o usuário, mas também do usuário para o sistema?

Ao longo de interações prolongadas, usuários podem modificar gradualmente a forma como formulam perguntas, estruturam argumentos, validam interpretações e organizam seu próprio raciocínio em resposta às características percebidas durante o diálogo com diferentes modelos de inteligência artificial. Nesse contexto, a interação deixa de representar apenas um fluxo de informações entre humano e máquina para constituir um processo dinâmico de influência recíproca, no qual estratégias comunicacionais e cognitivas podem ser continuamente ajustadas.

Embora essa hipótese ainda demande investigação empírica, sua formulação torna-se relevante diante da crescente incorporação desses sistemas às práticas de aprendizagem, trabalho e produção intelectual. Compreender se usuários desenvolvem formas específicas de pensar e comunicar-se durante interações prolongadas com modelos de inteligência artificial pode ampliar o debate sobre os impactos dessas tecnologias no desenvolvimento humano, deslocando o foco exclusivamente da evolução dos sistemas para incluir também possíveis transformações ocorridas nos próprios usuários.

Dessa forma, este artigo propõe uma reflexão teórica sobre a possibilidade de que interações prolongadas com sistemas de inteligência artificial favoreçam processos graduais de adaptação cognitiva e comunicacional dos usuários. Mais do que apresentar respostas definitivas, busca-se levantar um fenômeno ainda pouco explorado na literatura e discutir sua relevância como objeto de futuras investigações.

Fundamentação Teórica

A literatura sobre interação entre seres humanos e sistemas de inteligência artificial conversacional pode ser organizada, de forma didática, em dois eixos. O primeiro, consolidado, trata da adaptação do sistema ao usuário; o segundo, ainda incipiente e fragmentado, sugere a possibilidade inversa --- a adaptação do usuário ao sistema --- sem que esta última tenha sido, até o momento, sistematizada como fenômeno autônomo de investigação.

No primeiro eixo, estudos recentes demonstram que a adaptação promovida por modelos de linguagem tende a ser assimétrica, com o sistema acomodando-se predominantemente às características do usuário, e não o contrário (Xue et al., 2025).

Observa-se ainda que usuários que interagem com sistemas como o ChatGPT de maneira mais próxima da conversação humana tendem a adotar um estilo de linguagem mais natural e expressivo, movidos pelo desejo de estabelecer uma relação mais pessoal com a tecnologia (Frontiers in Computer Science, 2025), o que já indica, de forma indireta, alguma forma de resposta comportamental do usuário à natureza da interação.

No segundo eixo, uma produção ainda dispersa começa a tratar a relação humano-IA como um processo de mão dupla. Li e Song (2025) propõem, no campo do alinhamento técnico de sistemas de IA, um modelo de Alinhamento Cognitivo Bidirecional (BiCA), no qual humano e sistema ajustam-se mutuamente por meio de protocolos aprendidos, em contraposição ao paradigma unidirecional predominante nas abordagens de aprendizado por reforço com retroalimentação humana. Embora aplicado a um contexto eminentemente técnico, esse modelo oferece um paralelo conceitual relevante para a hipótese aqui defendida, ao validar teoricamente a plausibilidade de dinâmicas cognitivas recíprocas entre humano e sistema. De forma correlata, pesquisas sobre estilo conversacional identificam que usuários tendem a ajustar seu próprio estilo de fala em direção ao estilo do agente com quem interagem, e que esse espelhamento recíproco melhora a fluidez da interação --- padrão inicialmente descrito em diálogos humano-humano e posteriormente estendido a sistemas artificiais.

Evidências empíricas fragmentadas reforçam a plausibilidade de transformações do lado do usuário ao longo de interações prolongadas. Hawkins, Kwon, Sadigh e Goodman (2020) demonstram que humanos formam novas convenções linguísticas para se comunicarem de modo mais eficiente com parceiros em tarefas conversacionais repetidas, princípio que pode ser estendido à interação humano-IA. Em direção semelhante, Ma et al. (2025) discutem o desenvolvimento, por parte de usuários, de competências específicas de formulação de prompts a partir do uso continuado de modelos de linguagem, sugerindo que a prática prolongada produz mudanças relativamente estáveis na forma como o usuário estrutura suas solicitações --- um indício direto, ainda que não plenamente explorado enquanto fenômeno cognitivo e comunicacional mais amplo.

Do ponto de vista teórico-conceitual, dois referenciais clássicos oferecem sustentação à hipótese central deste artigo. A Teoria da Acomodação Comunicativa (Giles, 1973) descreve como falantes ajustam padrões linguísticos e comunicacionais em função do interlocutor, seja por convergência, seja por divergência, como estratégia de gestão da identidade social e da eficácia comunicativa; sua extensão a interlocutores artificiais permanece pouco explorada, mas oferece um arcabouço robusto para

interpretar ajustes linguísticos do usuário ao longo de interações prolongadas com IA. De modo complementar, a tese da cognição estendida (Clark; Chalmers, 1998) argumenta que ferramentas externas podem integrar-se aos processos cognitivos do sujeito a ponto de constituírem parte do próprio sistema de raciocínio, e não apenas instrumentos externos a ele --- perspectiva que fundamenta teoricamente a possibilidade de que a interação continuada com sistemas de IA reorganize não apenas a forma de comunicar, mas também a forma de pensar do usuário.

Em síntese, a literatura disponível documenta de forma robusta a adaptação do sistema ao usuário e começa a esboçar, em núcleos ainda dispersos entre a ciência cognitiva, a linguística e a engenharia de alinhamento de IA, a possibilidade de reciprocidade nesse processo. Nenhum desses estudos, contudo, examina especificamente a adaptação cognitiva e comunicacional do usuário como fenômeno autônomo, gradual e observável ao longo de interações prolongadas e individuais --- lacuna que este artigo se propõe a delimitar teoricamente.

Desenvolvimento da Hipótese Central

Se essa adaptação recíproca de fato ocorre, uma pergunta se impõe: em quais dimensões do funcionamento cognitivo e comunicacional do usuário ela poderia se manifestar? A hipótese central deste artigo propõe que a interação prolongada e individual com sistemas de inteligência artificial conversacional pode induzir, no usuário, um processo de reorganização cognitiva estruturado em três camadas progressivas: um filtro epistêmico, um filtro estético-expressivo e, em estágio mais avançado, uma generalização extra-contextual desse padrão para o processamento cognitivo do sujeito fora da interação com o sistema.

A primeira camada, aqui denominada filtro epistêmico, refere-se ao ajuste que o usuário realiza na validade percebida de seus próprios juízos subjetivos. Quando sistemas conversacionais respondem recorrentemente a observações subjetivas com padrões de correção, matização excessiva ou neutralização do conteúdo afetivo, o usuário tende a antecipar essa resposta e a pré-qualificar internamente seus próprios pensamentos antes de formulá-los, num movimento de autodefesa argumentativa. Esse mecanismo pode ser interpretado como uma forma de acomodação comunicativa (GILES, 1973) na qual a convergência não ocorre em relação a um interlocutor humano, mas em relação a um padrão de validação sistematicamente aplicado por um agente artificial.

A segunda camada, o filtro estético-expressivo, diz respeito não ao conteúdo do pensamento, mas à sua forma de manifestação. Sistemas que tratam recursos figurativos --- hipérbole, metáfora, linguagem simbólica --- como ruído epistêmico ou como conteúdo a ser sistematicamente ponderado e relativizado podem levar o usuário a condicionar a própria produção figurativa a uma etapa prévia de justificação crítica. Nesse processo, a capacidade de expressão simbólica não é eliminada, mas deixa de ser um modo de acesso direto ao pensamento e passa a operar como uma camada subsequente, autorizada apenas após a validação de uma instância crítica interna. Esse deslocamento é teoricamente relevante porque inverte a ordem de produção descrita em relatos sobre pensamento criativo e espontâneo, no qual a forma simbólica costuma preceder --- e não suceder --- a elaboração crítica. É importante notar que essa camada não se restringe a perfis com forte inclinação criativa, simbólica ou emocional. Em usuários com estilo cognitivo predominantemente analítico ou técnico, o mesmo mecanismo tenderia a se manifestar não como perda de recursos figurativos, mas como redução da tolerância à ambiguidade e à imprecisão no próprio raciocínio informal, exigência crescente de justificativa objetiva mesmo para impressões corriqueiras, ou desconforto crescente com afirmações não quantificáveis. Em ambos os casos, o mecanismo subjacente seria o mesmo --- a subordinação do modo de expressão habitual do sujeito a uma etapa prévia de validação crítica ---, variando apenas a forma de expressão afetada: simbólica em uns, técnica ou objetiva em outros.

A terceira camada, e a mais significativa em termos teóricos, é a generalização extra-contextual: a hipótese de que o padrão de autorregulação desenvolvido na interação com o sistema não permanece confinado a esse contexto, mas se estende ao processamento cognitivo do sujeito em situações que não envolvem interação com IA. Se confirmada, essa generalização indicaria que a interação prolongada com sistemas conversacionais não apenas modifica comportamentos comunicacionais situacionais, mas pode reorganizar, de forma mais estável, a arquitetura de processamento do próprio pensamento --- deslocando-o de um modo primariamente espontâneo, no qual a elaboração crítica sucede a expressão, para um modo primariamente mediado, no qual a crítica antecede e condiciona a expressão. Essa possibilidade dialoga diretamente com a tese da cognição estendida (CLARK; CHALMERS, 1998), na medida em que sugere que a ferramenta externa não apenas participa do processo cognitivo durante o uso, mas pode alterar de modo duradouro a configuração desse processo mesmo na ausência da ferramenta.

Cabe ressaltar que essa hipótese não pressupõe um efeito uniforme ou inevitável: é plausível que a intensidade dessa reorganização varie conforme fatores como frequência e

profundidade de uso e grau de investimento emocional e cognitivo depositado na interação. O estilo de pensamento prévio do usuário --- mais simbólico ou mais analítico --- não determina se o fenômeno ocorre, mas apenas a forma predominante através da qual ele se torna observável. Ainda assim, a plausibilidade teórica do fenômeno, sustentada pelos referenciais apresentados na seção anterior, justifica sua formulação como hipótese a ser explorada e eventualmente testada em investigações futuras.

Implicações e Desdobramentos

Se a hipótese das três camadas apresentada na seção anterior se sustentar, suas implicações recaem menos sobre o conteúdo específico do que o indivíduo pensa e mais sobre o processo pelo qual ele passa a processar suas próprias experiências, formular argumentos e construir percepções internas. Três dimensões do funcionamento cognitivo cotidiano merecem destaque.

A primeira diz respeito à relação do indivíduo com a própria percepção subjetiva como fonte legítima de conhecimento. Na medida em que a observação subjetiva passa a ser submetida, de forma antecipatória, a um crivo crítico interno antes de ser reconhecida como válida, o indivíduo pode desenvolver uma forma de desconfiança sistemática em relação às próprias impressões imediatas, mesmo em contextos alheios à interação com sistemas de IA. Esse padrão tem implicações diretas para processos de tomada de decisão cotidiana, nos quais o julgamento intuitivo e a primeira impressão frequentemente cumprem função adaptativa relevante.

A segunda dimensão refere-se à formulação de argumentos. Se o filtro epistêmico se consolida como traço processual estável, é plausível que o indivíduo passe a construir argumentos de forma predominantemente defensiva --- antecipando objeções e pré-blindando posições --- mesmo em contextos comunicativos nos quais essa defensividade não é exigida nem produtiva, como conversas informais, produção criativa ou processos de autoconhecimento. Esse padrão pode representar tanto um ganho, em termos de rigor argumentativo, quanto uma perda, em termos de espontaneidade e fluidez expressiva, a depender do contexto em que se manifesta.

A terceira dimensão, mais diretamente ligada ao filtro estético-expressivo, envolve a produção simbólica e criativa do indivíduo. Se a expressão figurativa passa a depender de uma etapa prévia de validação crítica, atividades que dependem de acesso direto e não mediado ao pensamento simbólico --- como escrita criativa, processos terapêuticos expressivos ou pensamento associativo livre --- podem ser especialmente

sensíveis a esse tipo de reorganização cognitiva. Isso sugere uma via de investigação empírica futura: comparar, por meio de análise longitudinal de produção textual, indivíduos com diferentes intensidades e históricos de uso de sistemas conversacionais, observando possíveis variações na frequência e na espontaneidade de recursos figurativos ao longo do tempo.

Cabe delimitar, por fim, o escopo deste artigo. A hipótese aqui desenvolvida trata exclusivamente do processo cognitivo e comunicacional do indivíduo, sem se estender à análise das motivações, escolhas de design ou responsabilidades das organizações que desenvolvem esses sistemas. Essa é, evidentemente, uma dimensão relevante e necessária de investigação --- em particular, a pergunta sobre em que medida decisões de design relacionadas a moderação de conteúdo e calibração de tom podem influenciar, de forma não deliberada ou deliberada, processos cognitivos dos usuários em larga escala levanta questões éticas e regulatórias significativas. Tal investigação, no entanto, exige um aparato teórico próprio, situado no campo da ética da tecnologia e da governança de sistemas de IA, e é indicada aqui como direção legítima para pesquisas futuras, e não como objeto deste artigo.

Considerações Finais

Este artigo partiu de uma constatação simples, mas pouco explorada na literatura: a de que a adaptação entre humanos e sistemas de inteligência artificial conversacional pode não ser um processo unidirecional. Enquanto a produção acadêmica disponível documenta de forma consistente a capacidade desses sistemas de se ajustarem ao usuário, permanece pouco sistematizada a possibilidade inversa --- a de que o próprio usuário, ao longo de interações prolongadas, reorganize aspectos centrais de seu funcionamento cognitivo e comunicacional em resposta aos padrões de validação e invalidação presentes na interação.

A hipótese proposta neste trabalho descreve esse processo em três camadas articuladas: um filtro epistêmico, responsável pela pré-qualificação defensiva dos próprios juízos subjetivos; um filtro estético-expressivo, que condiciona a produção simbólica e figurativa a uma etapa prévia de validação crítica; e uma possível generalização extra-contextual, na qual esse padrão deixa de ser situacional e passa a operar como traço estável do processamento cognitivo do indivíduo, inclusive fora do contexto de interação com sistemas de IA. Ancorada em referenciais teóricos consolidados --- como a teoria da acomodação comunicativa e a tese da cognição estendida --- e dialogando com produção emergente sobre adaptação bidirecional

humano-IA, a hipótese busca oferecer um vocabulário conceitual inicial para um fenômeno que a experiência cotidiana de uso já sugere, mas que a pesquisa formal ainda não delimitou com precisão.

Trata-se, é importante reiterar, de uma proposição teórica, não de um resultado empiricamente testado. Sua principal contribuição não é oferecer respostas definitivas, mas nomear e organizar um fenômeno até então disperso, oferecendo às pesquisas futuras um ponto de partida conceitual passível de investigação empírica sistemática --- seja por meio de análise longitudinal de produção linguística, seja por desenhos experimentais que comparem padrões cognitivos entre usuários com diferentes históricos e intensidades de uso de sistemas conversacionais. Compreender como e em que medida a mente humana se reorganiza em resposta à interação continuada com a inteligência artificial talvez seja uma das perguntas mais urgentes deste momento histórico. Se a hipótese aqui desenvolvida vier a encontrar sustentação empírica, é possível que a questão mais relevante deixe de ser se a inteligência artificial modifica comportamentos comunicacionais dos usuários, para tornar-se outra, mais ampla e mais inquietante: em que momento estratégias inicialmente desenvolvidas para interagir com sistemas artificiais deixam de constituir simples adaptações contextuais e passam a integrar a própria identidade cognitiva do indivíduo? É essa pergunta que este artigo, com a devida cautela teórica, se propõe a começar a formular.

Referências

CLARK, Andy; CHALMERS, David. The extended mind. *Analysis*, v. 58, n. 1, p. 7-19, 1998.

GILES, Howard. Accent mobility: a model and some data. *Anthropological Linguistics*, v. 15, p. 87-105, 1973.

HAQQU, Rizca; ZHRANI, Alya Rahma; WULANDARI, Astri; ERSYAD, Firdaus Azwar; ADIM, Adrio Kusmareza. Human-AI in affordance perspective: a study on ChatGPT users in the context of Indonesian users. *Frontiers in Computer Science*, v. 7, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.3389/fcomp.2025.1623029>. Acesso em: 3 jul. 2026.

HAWKINS, Robert D.; KWON, Minae; SADIGH, Dorsa; GOODMAN, Noah D. Continual adaptation for efficient machine communication. In: *CONFERENCE ON COMPUTATIONAL NATURAL LANGUAGE LEARNING*, 24., 2020, Online.

Proceedings \[...\]. Stroudsburg, PA: Association for Computational Linguistics, 2020. p. 408-419.

LI, Yubo; SONG, Weiyi. Co-alignment: rethinking alignment as bidirectional human-AI cognitive adaptation. In: OPEN CONFERENCE OF AI AGENTS FOR SCIENCE, 2025. Anais \[...\]. 2025. Disponível em: <https://openreview.net/forum?id=G5jK2OMT2q>. Acesso em: 3 jul. 2026.

MA, Qianou; PENG, Weirui; YANG, Chenyang; SHEN, Hua; KOEDINGER, Kenneth; WU, Tongshuang. What should we engineer in prompts? Training humans in requirement-driven LLM use. ACM Transactions on Computer-Human Interaction, v. 32, n. 4, art. 41, p. 1-27, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1145/3731756>. Acesso em: 3 jul. 2026.

XUE, Haoning; OH, Yoo Jung; ZHOU, Xinyi; ZHANG, Xinyu; OXLEY, Berit. User prompting strategies and ChatGPT contextual adaptation shape conversational information-seeking experiences. arXiv preprint arXiv:2509.25513, 2025. Disponível em: <https://arxiv.org/abs/2509.25513>. Acesso em: 3 jul. 2026.

Declaração de Disponibilidade de Dados

Os dados de pesquisa que sustentam este manuscrito estão contidos no próprio texto do artigo. Por se tratar de um ensaio teórico, não há dados empíricos, aplicativos ou conteúdos subjacentes adicionais a serem disponibilizados em repositório externo.

Declaração de Uso de Inteligência Artificial

A autora declara ter utilizado ferramenta de inteligência artificial (Claude, Anthropic) como apoio na formatação, estruturação e tradução do presente manuscrito. A concepção teórica, a hipótese central, o modelo das três camadas e a redação do conteúdo intelectual são de autoria exclusiva e responsabilidade da pesquisadora. A ferramenta não foi utilizada para geração de conteúdo teórico ou argumentativo.

Declaração de conflito de interesses

A autora declara não haver conflito de interesses relacionado a este manuscrito.

Contribuição de autoria

Ana Carolina Vavallo: Conceptualização, Investigação, Metodologia, Redação – rascunho original, Redação – revisão e edição.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.